

Logos e Mythos: As imbricações narrativas entre Jornalismo e Literatura

Universidade Federal de Juiz de Fora - MG - Brasil

Luciene Tófoli*

Resumo

O terreno não é virgem, embora a tese cause arrelia aos ortodoxos e/ou cínicos de plantão. Por isso, a idéia ainda tem poucos adeptos na esfera eminentemente profissional e se constitui numa espécie de atentado aos cânones do jornalismo moderno, que se auto-intitula um dos últimos baluartes da epistemologia da objetividade pura. Mas o fato, cada vez mais flagrante, é que as notícias jornalísticas apresentam a mesma estrutura da ficção, dividida em *logos e mythos*.

Para chegarmos ao ponto fulcral desse debate, lança-se uma primeira visada que pretende produzir uma urdidura entre literatura e jornalismo. Em que ponto isso acontece? Quando é possível afirmar que há uma similaridade entre a ficção na literatura e as notícias no jornalismo? Sem dúvida, a resposta perpassa dois campos que, embora distintos, não são independentes um do outro: a subjetividade e a construção da narrativa.

*Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e jornalista, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Autora do livro *Ética no Jornalismo* (Vozes, 2008), é professora substituta da Faculdade de Comunicação da UFJF.

Recorre-se, inicialmente, a uma observação essencial e que servirá de esteio ao caminho que aqui pretende se percorrer. Diante de toda teia tecnológica da sociedade pós-contemporânea, os limites se afrouxaram na constituição de uma grande rede. Teórico da atualidade, Pierre Lévy (apud BABO, 1986: 9) chama atenção para a hipertextualidade.

[...] se o hipertexto é a concentração virtual das leituras, na medida em que guarda o conjunto dos agenciamentos possíveis, um texto é então uma dessas leituras. O leitor é metamorfoseado em escrevente, não havendo escrita que possa ditar os constrangimentos de leitura, no sentido em que todo o escrito poderá ser violado, alterado, entrecruzado. A escrita, integrada num processo de diferimento da comunicação, de distanciação interpretativa, é chamada a uma desterritorialização que faz dela um puro objecto nômádo, onde o sentido deixa de ser a finalidade, mas se dá como perpétua mobilidade. E no caso particular do romance, a numerização - processo informático de tradutibilidade dos

textos em números - introduzirá, certamente, novas formas narrativas. Se constatamos a dependência do romance relativamente à invenção do livro moderno, porque não prevêr novas modalidades de escrita ficcional onde a interactividade, a deslinearização e a fusão multimediática sejam os novos constrangimentos configurantes? Alguns exemplos já aí estão, como desafio.

Assim, se é possível uma desterritorialização da escrita, que transforma-se num objeto nómádico, sendo conformado às mais diversas estruturas, não é demais afirmar-se que indivíduo e a sociedade retomam regularmente seu contato com a realidade através de uma intensa exposição às notícias do jornalismo impresso, digital, radiojornalismo ou telejornalismo.

O ritual de consumir notícias foi incorporado ao ritmo da vida cotidiana. Transformou-se em um hábito social agregado ao ciclo cronológico do homem de hoje. Mais do que isso, essa recorrência diária transforma as notícias em uma forma de percepção que organiza o conhecimento social, dota a realidade de passado, presente e futuro, tece uma imagem menos caótica do mundo.

É possível e plausível dizer, ainda, que consumir notícias proporciona as reiteraões simbólicas necessárias à sedimentação de conteúdos que são contados e recontados diariamente. Estabelece as fronteiras éticas e morais, as lições de vida que perpassam aquelas somente ideológicas. São uma forma de transmissão cultural, na qual o fundamento é a reitação. As histórias são as mesmas, recontadas diariamente com novas personagens e circunstâncias pelos jornais,

internet, rádio e televisão. São narrativas da contemporaneidade e se mostram como fábulas da vida moderna.

Uma tese que ganha acordo na argumentação de Motta (2002). Numa análise do que considera de antropologia da notícia, o autor diz que as notícias são obras abertas, sentidos inacabados que convidam o leitor a completar cooperativamente a sua significação, como na literatura. Mesmo aquelas de significação mais restrita, aquelas que conseguem ser mais objetivas e despir-se de toda ficcionalidade, se consideradas como fragmentos de um conjunto maior de notícias, assumem novos significados e revelam fabulações implícitas. Assim entendidas, elas adquirem um sentido narrativo, estimulando a fantasia, a imaginação, os desejos e as utopias dos leitores.

Do meu ponto de vista, as notícias são pré-configuradas por categorias mitológicas e estão presas, como a literatura, por matrizes mitológicas que as conformam. É como se os jornalistas estivessem sempre à espreita de acontecimentos já esperados, cabendo a eles apenas preencher os moldes que revelam os eternos dramas e tragédias da humanidade (MOTTA, 2002: 8)

Entretanto, isso não significa que as notícias sejam pura invenção, no sentido mais lato da ficção, nem que se configurem como um sistema mitológico. A questão é mais complexa: as notícias, enquanto sistema simbólico singular, são capazes de abrigar realidades e fantasias, onde realidade e imaginário se confundem. Portanto, é possível dizer que são *logos*, razão, fatos históricos, mas são também *mythos*, encerram subjetivi-

dades que dotam os acontecimentos de sentidos do bem e do mal, de passado e de futuro, de ideologias que estimulam desejos e utopias.

Desdobrando a afirmativa anterior, pode-se dizer que as notícias são *logos* enquanto relatos plenos de verossimilhança, calcados num referencial externo, empírico, que lhe confere credibilidade num fluxo capaz de continuar repetindo os temas estofados e recorrentes do *mythos*.

Os jornalistas repetem todos os dias a mesma trama que busca incessantemente apenas a repetição da realidade, amparada pelas mais rígidas normas da lingüística e do léxico, mantendo-se o mais próximo possível do grau zero de significação. Entretanto, esse trabalho é entremeado pelo mundo da imaginação, da fábula, do *mythos*, enfim, sem conseguir isolar-se das diversas subjetivações culturais.

Importante aqui é entender que o mito é aquele que, desde a antiguidade, tenta dar conta da origem, do acontecido, como aponta Eliade (1991: 11),

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. [...] Os mi-

tos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a 'sobrenaturalidade') de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do 'sobrenatural') no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.

Umberto Eco (1993: 248) vai reforçar a afirmação de que o mito tem como base narrativa o uso do acontecido, o que corrobora a sobrevivência do seu estatuto pautado nos acontecimentos consumados. Este condicionante garante a sobrevivência do mito passando de geração para geração, dada inicialmente através da oralidade e muitas vezes ampliadas para outras culturas. A história constituída servia, portanto, para modelagem do próprio mito, adquirindo contornos divinos e servindo idealisticamente como exemplo a ser seguido ou referencial a ser alcançado pela humanidade.

Com relação à contemporaneidade, Eco (1993: 249) observa que os mitos nascem e sobrevivem principalmente pela difusão dos romances que trazem em suas histórias a possibilidade de contá-los em tempo presente, levando consecutivamente ao incremento do critério da imprevisibilidade, já que o leitor tem a sensação de acompanhar em tempo real os acontecimentos junto com os personagens, garantindo assim, a atenção, por meio do suspense, para o desfecho narrativo.

Mas quem alarga os horizontes da interpretação mítica é Roland Barthes. Através

da análise de diversos aspectos cotidianos da vida contemporânea francesa:

O mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. [...] Já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo (BARTHES, 1993, 131).

Barthes acredita que o mito não seja necessariamente marcado pela oralidade, mas possa ser formado por outras representações, como a fotografia, o cinema, a publicidade, os espetáculos e o esporte: todos eles podem servir de suporte à fala mítica. Segundo ele, por se tratar de um sistema semiológico, o mito é também um sistema de valores, mas seu consumidor o lê como sistema de fatos, em que o significante e o significado¹ mantêm relações naturais. Por não se dar conta do sistema semiológico do mito é que o leitor pode consumi-lo inocentemente.

A ótica de Barthes se vê afinada ao pensamento do filósofo catalão Lluís Duch. Para ele, o mito faz parte do discurso de cada ser humano. É parte inalienável e indestrutível de nossas biografias mais íntimas, pois as nossas histórias são as nossas fabulações, nossas biografias contêm uma mescla muito difícil de se distinguir de elementos míticos e lógicos, o que é, no fundo, a demonstração de nossa natureza logomítica.

¹ Significante e significado aqui são tomados como categorias da Linguística.

Duch argumenta que o universo mítico consegue abarcar o reino do onírico, do implícito e costuma se fazer presente justamente no centro de nossa vida, ainda que de maneira polissêmica, contraditória e suscetível de ser interpretado de formas diversas:

O mito possui uma natureza complexa, que responde à inevitável complexidade e ambigüidade do ser humano. Por essa razão, por muito mais que se tente, nunca poderá ser liberado da problemática inerente à existência humana. O mito chega a fazer-se atual em todas as épocas e em todos os espaços porque será incessantemente reinterpretado em função das novas variáveis que surgem nos trajetos vitais dos indivíduos e das coletividades (DUCH apud MOTTA, 2002: 10).

Duch observa que a função do mito não se troca por uma atitude histórica qualquer e chama atenção para o fato de que, sempre, e em todo lugar, o ser humano se encontra submetido a novos processos de remitificação.

Há uma inalienável dimensão mítica em todo ser humano justamente porque as possibilidades reais da existência humana permanecem sempre escondidas, são infinitamente superiores àquelas que se pode tematizar conceitualmente, perceber historicamente e experimentar em cada momento concreto (DUCH apud MOTTA, 2002: 11 e 12).

A presença do mito, principalmente na contemporaneidade, em sociedades como a ocidental, que se auto-qualificam

de ilustradas, com defesa exacerbada do racionalismo, resulta da necessidade que tem o ser humano de regressar às fontes mais profundas da sua experiência existencial. Duch assevera, dessa forma, que o mito atende ao enigma da existência humana, a discordância entre a realidade fundamental (o estado de inocência, o estatuto de criatura, o ser essencial) e a modalidade atual do “homem culpado”.

Todas essas considerações relevam a grande dificuldade que há entre a intenção explícita de um discurso objetivo e o seu resultado verdadeiro. Todo discurso humano, inclusive aquele que pretende uma destacada objetividade e neutralidade afetiva, é dirigido por vontades implícitas que se sobrepõem à materialidade gramatical do discurso lógico, o que se adequa à linguagem jornalística e é referendado por Albuquerque (2000):

À primeira vista, o ideal da objetividade aproximaria os jornalistas do conhecimento científico. Diferentemente dos cientistas, porém, os jornalistas não dispõem de treinamento especializado, de métodos padronizados para analisar o objeto de sua investigação, ou de uma terminologia própria para transmitir seu conhecimento. Ao invés disso, eles precisam contar histórias para constituir sentido acerca dos eventos que narram. Na prática, portanto, a adoção do ideal da objetividade pelos jornalistas implica no privilégio de determinados recursos sobre outros: o uso de uma perspectiva em terceira pessoa, a estrutura da pirâmide invertida das notícias, a separação das *hard news* da opinião e das notícias de interesse humano, o texto pouco adjeti-

vado, etc, assinalam o privilégio de metáforas referentes ao universo da ciência antes que da literatura (ou, em termos mais genéricos, da ficção).

Duch alerta que o não-dito faz parte do explícito e, por isso, não se pode reduzir o *mythos* ao *logos*, sem correr o risco de mitologização do *logos*, ou seja, da conversão do discurso racional em seu contrário. É preciso, então, considerar o diálogo entre os dois, o que inclui as ressonâncias e correspondências, e que permite desvelar o sentido oculto do mero fluir das aparências. Trata-se daquilo que a tradição designa como *coincidentia oppositorum*. Tanto o *mythos* se apresenta imiscuído no *logos*, como este cobra sua presença no *mythos*.

As narrativas míticas podem realizar funções muito diversas; desde o relato destinado a pura distração até as narrativas com intenções catárticas e mobilizadoras, sem esquecer a articulação de uma série de desejos e sonhos irrealizáveis no centro de uma cotidianidade. Pode-se capturar a morfologia ou buscar a lógica interna do mito enquanto narração, como já o fizeram muitos autores (V.Propp, C. Levi-Strauss e outros). No entanto, sempre permanecerá a pergunta: que narrativas merecem ser chamadas mito? Que estilos narrativos se adaptam para receber o mito?(DUCH apud MOTTA, 2002: 17)

Pode-se responder que as notícias, particularmente, os *faits divers* são o lugar de reminiscência do mito no jornalismo. Elas são capazes, por assim dizer, de abrigar a contraditória convivência entre objetividade e subjetivação, revelando-se, ao mesmo tempo,

um reduto da racionalidade exigida pela lógica positivista, imperiosa na sociedade tecnológica pós-contemporânea, por um lado, e dos elementos míticos e do imaginário cultural, por outro. Ou seja, é justamente na linguagem jornalística que residem os fantasmas, as fantasias, os desejos e as ilusões do ser, como um *complexo oppositorium*, como bem pontua Motta (2002: 19 e 20):

Ali, onde a intenção é expressar com rigor a realidade tal como ela é, sem ilusões, sem fantasias nem invenções, a presença do *mythos* converte subversivamente o discurso racional em seu contrário. No texto da reportagem não se dá, nem se dará nunca, o triunfo da objetividade nem tampouco a linguagem da notícia assumirá jamais a forma pura de uma narrativa: nela se realiza continuamente, de forma expressiva, a *coincidência oppositorium* do jornalismo. Na contemporaneidade, penso eu, o jornalismo é o lugar por excelência de realização da ambigüidade e da complexidade da experiência do ser humano.

Além de considerar a questão da presença do universo mítico na narrativa jornalística das notícias, conduzindo-as à ficção, é necessário, ainda, uma outra reflexão capaz de redundar no mesmo lugar, reforçando essa argumentação. É o fato de que as notícias não contam os fatos na sua integralidade. Na verdade, elas são fragmentos escolhidos da realidade que comportam lacunas de significados, solicitando aos leitores a complementação de sentidos.

Se não se consegue relatar o fato por inteiro, mas apenas em parte, pode-se afirmar que o jornalismo constrói, na realidade, uma

meta-fato que não obedece mais às regras do mundo natural onde o acontecimento foi registrado. O meta-fato é regido pelas regras do mundo simbólico, pela enunciação. É um novo fato, através do qual, a sociedade toma conhecimento do mundo que a cerca

Mas, como é possível detectar a estratégia organizativa desse meta-fato ?

Para se transformar em notícia ou em meta-fato, o texto obedece a procedimentos que visam a determinadas finalidades, conforme observa Motta (2002: 33)

As notícias são organizadas enquanto texto para produzir certas reações de sentido, o que lhes confere uma singularidade no processo comunicativo jornalístico: seduzir, informar, convencer, reter. Os enquadramentos não são ocasionais, mas intencionais e obedecem a certos *frames*, certos moldes próprios do jornalismo profissional. Identificar “de onde ele fala”, sua posição de autoridade ou de diálogo no relato, se ele posiciona-se desde fora do evento ou como um autor que assume a sua criação textual. Esse primeiro passo permite e exige uma investigação da posição em que o jornalista-autor se permite no jogo com o seu leitor potencial.

A partir daí, é necessário passar a uma análise textual propriamente dita, a partir dos elementos que constituem a sintaxe narrativa do texto. Um procedimento na busca de pistas de ficcionalidade, num caminho do objetivo rumo ao subjetivo. A primeira delas é um certo arremedo da linguagem oral, num tom coloquial, com o uso de certos verbos, tempos verbais, excesso de adjetivação ou detalhes, figuras de linguagem, como a

hipérbole e metáfora, digressões em torno de personagens, analogias, etc. E, como acrescenta Motta (2002: 34), “principalmente na reconstrução de enredos, seqüências significativas, conexões entre episódios que sugerem a intervenção de mundos possíveis, os mundos dos textos com os mundos dos leitores.

A partir desta análise, o referencial empírico, o mundo dos fatos, ganha novas cores e perspectivas, como observa Bernardes (2004):

Adotando características presentes numa cultura popular medieval, em que o oral é a forma de transmissão cultural por excelência, as formas simbólicas populares são atravessadas pela tentativa de estabelecer formas de comunicação. Mesmo nos casos em que são apresentadas por escrito, como nos jornais populares. Entretanto, a questão da narratividade [...] não está presente somente nos gêneros populares, pois todos os produtos da indústria cultural parecem querer contar-nos histórias. Isso significa que a estrutura narrativa não está presente somente nos produtos ficcionais, mas também nos diferentes gêneros jornalísticos, aqueles que ‘não inventam’ personagens e pretendem apresentar a realidade ou aspectos dela. Os gêneros jornalísticos, sob essa visão, oferecem relatos de histórias reais.

Nesse ponto, é possível dizer que ficcionalidade e narratividade implicam em fabulação, em chamamento da mitologia, o que conduz à interpretação em busca

dos padrões imagéticos, temas morais predominantes, recorrências e ressonân-

cias, matrizes dos matizes éticos e estéticos, [...] a presença do *mythos*, enfim. Os elementos anteriormente identificados tomam outra dimensão porque agora deixam de girar em torno do enredo para participar como coadjuvantes do tema principal, que unifica e amplia os detalhes menores. Surge então a alma da narrativa e uma gramática mais profunda revela uma articulação implícita de sentidos metafóricos, ideológicos e principalmente mitológicos. O que antes eram “ingênuas” notícias de conteúdos imediatos se mostram agora plenas de sentido mitológicos, de desejos, ilusões, utopias (MOTTA, 2002: 34 e 35).

A partir de toda essa argumentação, é factível avançar no fechamento desse raciocínio que abarca literatura e jornalismo. Se é possível admitir que as notícias jornalísticas são mais que um puro relato da realidade, constituindo-se num meta-fato. E que, o complexo narrativo desse meta-fato está submetido à toda espécie de subjetivação, marcadamente pelas questões míticas, é obrigatório passar ao outro lado da questão: a do receptor. Por isso, nesse ponto, desembarca-se na Estética da Recepção e do Efeito, basicamente nas formulações de Wolfgang Iser, capazes de dar conta justamente dessas duas questões: recepção e efeito.

Iser considera que a ficção seja o campo de ação onde um processo lúdico de fingimento é ativado e abre, dessa forma, o livre acesso da escrita ao imaginário. O que se dá, a partir de então, é um jogo que possibilita, através da mimese verbal, a enenação de uma realidade que, imediatamente, faz-se imaginária e, assim, inscreve-se no mundo do fingimento. O mundo do texto é

entendido **como se** fosse um mundo e, portanto, relacionado com algo que ele não é. O texto que se ancora no jogo do fingimento é, necessariamente, marcado pela ambigüidade dos eixos do real a algo irreal ou impossível.

Enquanto fingimento, a ficção se desincombe de todo condicionamento do mundo vivencial. No caso das notícias jornalísticas, de seu referencial empírico. Nesse deslizamento, é possível organizar formas e configurações para experiências incognoscíveis no plano cotidiano, criando-se um espaço para uma alteridade imaginária, como postula Iser:

O texto ficcional [...] funciona, preferencialmente, como um meio de tornar o imaginário acessível à experiência fora de sua função pragmática. Ao abrir espaços de fingimento, o ficcional compele o imaginário a tomar uma forma, enquanto, ao mesmo tempo, age como um meio para sua manifestação (ISER, 1999b: 71).

Enquanto portadora de uma narrativa ficcional, que se abre também ao campo do fingimento por parte do leitor, as notícias jornalísticas criam um campo de encenação onde todos os elementos estão condicionados pelo jogo do **como se**. Os relatos da realidade, ou seja, os meta-fatos, são transpostos para um plano de fingimento. Tudo o que existe no referencial empírico está sujeito ao implícito no mundo do texto, condicionado pelo relato de fragmentos da realidade e por uma intensa carga mítica, que opera em ambos os lados, do autor e do receptor. Nas formulações da Estética da Recepção Iseriana, o imaginário, por vias ficcionais, pode atuar

tanto no momento da confecção quando no momento da recepção do texto. Dizendo de outra forma, Fernandes (20003) esclarece:

[...] o imaginário do autor e do leitor estão ativados no processo de comunicação [...]. Assim como ocorre na brincadeira infantil, no jogo [...] o autor e o leitor não perderão a lucidez em relação ao estado de fantasmagoria das representações ficcionais. Eles sabem afinal, que tudo não passa de um **como se**. Portanto, a partir de agora, estaremos falando de uma consciência subjetiva do autor ou do leitor que, no processo de comunicação [...] ativa intencionalmente o imaginário.

Essa combinação realidade e imaginário, no texto ficcional, se manifesta, segundo Iser, num duplo movimento oscilatório que circula entre um eixo realizador e um eixo irrealizador: a realização do imaginário e a irrealização do real.

A realização do imaginário vai oferecer uma forma objetiva e uma determinação precisa às difusas formas do imaginário. Iser pontua o fato da seguinte maneira: “Portanto, também aqui se verifica uma transgressão de limites, que conduz do difuso ao determinado [...]. Nos atos de fingir, o imaginário ganha uma determinação que não lhe é própria e adquire, deste modo, um predicado de realidade” (ISER, 2002b: 975).

Se o imaginário se caracteriza por sua extrema fluidez e pela caótica ausência de precisão de limites, na ficção ele vai ser dimensionado num novo esquema figurativo que vai lhe oferecer uma semelhança para com certa realidade selecionada. Dessa forma, por mais que haja numa notícia a influência do imaginário, ela terá que manter uma

certa objetividade e concretude figurativa que possibilite a comunicação, que vão funcionar, ainda, como o elo de credibilidade necessário a uma notícia para que ela seja consumida pelo leitor.

Por outro lado, quando Iser afirma que o mundo real se irrealiza, ele se refere ao fato de que, nessa construção da narrativa – fato e meta-fato –, as experiências pessoais e o mundo vivencial são deformados nessa transposição textual. Os elementos perdem sua conformação originária. Tanto o imaginário quanto a referência são transgredidos numa mútua desestruturação:

Na conversão da realidade vivencial repetida em signo de outra coisa, a transgressão de limites manifesta-se como uma forma de irrealização. Na conversão do imaginário, que perde seu caráter difuso em favor de uma determinação, sucede uma realização do imaginário (ISER, 2002b: 983)

Para concluir, a partir do que foi formulado anteriormente, pode-se depreender que o valor da narrativa ficcional na estrutura das notícias jornalísticas reside na sua capacidade de encenar o elemento ausente, impen-sável e não experimentável pelo sujeito no seu dia-a-dia. Reside nas notícias jornalísticas, como forma contemporânea de ficção literária, a alteridade imaginária, capaz de possibilitar a experiência de não-ser, de exprimir o não-dito e o incognoscível da experiência humana.

1 Bibliografia

ALBUQUERQUE, Afonso. A narrativa jornalística para além dos faits-divers. *Lu-*

mina, Juiz de Fora, p.69-91, 2. sem. 2000.

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

ANGRIMANI, D. *Espreme que sai sangue*. São Paulo: Summus, 1984.

AZEVEDO, Ana V. *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. Vol 2, 4.ed. São Paulo: Ática, 1990.

BABO, Maria Augusta. *Ficcionalidade e processos comunicacionais*. 1996. Disponível em www.ubi.pt. Acessado em 14 de agosto de 2005.

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BERNARDES, Cristiane B. A narratividade como categoria estratégica para a produção de um jornal popular. *Revista Verso e Reverso*, São Leopoldo, n.39, 2.sem. 2004.

CONTRERA, M.S. *O mito na mídia: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação*. São Paulo: Annablume, 1996.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Tradução: Giovanni Cutolo. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- ELIADE, M. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FERNANDES, Isabela. *A ficção literária como imagem e máscara*. 2003. Disponível em <http://www.rubedo.psc.br>. Acessado em 04 de junho de 2005.
- GOMIS, Lorenzo. *Teoría del periodismo: como se forma el presente*. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- HEIDRUN, Krieger Olinto; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. (Org) *Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- ISER, Wolfgang. *Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica*. In: COLÓQUIO UERJ, 7, 1996, Rio de Janeiro, Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser, Rio de Janeiro, Eduerj, 1999a, 19-34.
- _____. *O fictício e o imaginário*. In: COLÓQUIO UERJ, 7, 1996, Rio de Janeiro, Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser, Rio de Janeiro, Eduerj, 1999b, 63-78.
- _____. *O jogo*. In: COLÓQUIO UERJ, 7, 1996, Rio de Janeiro, Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser, Rio de Janeiro, Eduerj, 1999c, 105-116.
- _____. *O que é antropologia literária?* In: COLÓQUIO UERJ, 7, 1996, Rio de Janeiro, Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser, Rio de Janeiro, Eduerj, 1999d, 145-178.
- _____. *A interação do texto com o leitor*. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- _____. *O jogo do texto*. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002a.
- _____. *Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. 2.v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.
- JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002b.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Ideologia e técnica da notícia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- LIMA, Luiz Costa. *A concepção iseriana do fictício*. In: COLÓQUIO UERJ, 7, 1996, Rio de Janeiro, Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser, Rio de Janeiro, Eduerj, 1999, 79-88.

_____. O leitor demanda (d)a literatura.
In:_____. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MACHADO, Maria Berenice da Costa. *Estratégias híbridas de ação política e mercadologia: estudo dos discursos normativo, jornalístico e publicitário do jornal Zero Hora, no período 1998-2004*. Porto Alegre, 2004. Disponível em <http://www.pucrs.br>. Acessado em 05 de setembro de 2005.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n.19, p.01-51, dez. 2002.

PEDROSO, R. N. *A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista*. São Paulo, Annablume, 2001.

SOUZA, Maria C.J. A construção social de sentidos e o fenômeno da recepção: em questão o papel dos realizadores. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n.20, p.46-57, abril 2003.

ZILBERMAN, Regina. A estética da recepção no horizonte dos anos 60. In:_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. p. 8-12.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa: leitura e crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.